

## O RASTREIO DE UMA HISTÓRIA DO DESIGN TÊXTIL A PARTIR DA PESQUISA DOCUMENTAL: tecidos, produtos e a colaboração de profissionais na Companhia Industrial Pernambucana – Camaragibe/PE

*INVESTIGATING AN HISTORY OF TEXTILE DESIGN FROM DOCUMENTARY RESEARCH: fabrics, products and the collaboration of professionals at Companhia Industrial Pernambucana – Camaragibe/PE*

SOUZA, Rodrigo dos Santos; Mestre em Design; Universidade Federal de Pernambuco  
rodrigosts070@gmail.com

ARAÚJO, Kátia Medeiros de; Doutora em Antropologia; Universidade Federal de Pernambuco  
katia.araujo@ufpe.br

### Resumo

Ao observar que os objetos “comuns”, como os produtos têxteis, também podem ser utilizados como suportes para discutir uma História do Design, o objetivo deste artigo é introduzir os percursos preliminares de investigação/rastreo documental acerca da produção têxtil da Companhia Industrial Pernambucana (CIPER), tendo em vista sua importância para o cenário industrial brasileiro no século XX, bem como a pouca discussão em volta do assunto. Para isso, como percurso metodológico, foram estabelecidos procedimentos de pesquisa documental atrelada ao acervo digital da hemeroteca da Biblioteca Nacional com foco na coleção “Diário de Pernambuco”. Como resultados evidencia-se a relevância do complexo fabril, bem como a colaboração com profissionais para o planejamento dos produtos. Como perspectivas futuras destaca-se a necessidade de ampliar a discussão sobre o assunto incluindo acervos e coleções físicas, bem como relatos orais de indivíduos que estiveram atrelados ao contexto de produção mencionado.

**Palavras Chave:** História do Design; Companhia Industrial Pernambucana; Produtos Têxteis.

### Abstract

*Noting that “common”, such as textile products, can also be used as supports to discuss a History of Design, the objective of this article is to introduce the preliminary investigation paths/documentary tracking about the textile production of Companhia Industrial Pernambucana (CIPER), considering its importance for the Brazilian industrial scenario in the 20th century, as well as the little discussion around the subject. For this, as a methodological path, documentary research procedures were established linked to the digital collection of the newspaper library of the “Biblioteca Nacional” with a focus on the “Diário de Pernambuco” collection. As results, the relevance of the factory complex is evident, as well as the collaboration with professionals for the product planning. As future perspectives, the need to expand the discussion on the subject includes physical collections, as well as oral reports from individuals who were linked to the mentioned production context.*

**Keywords:** Design History; Companhia Industrial Pernambucana; Textile products.

## 1 Introdução

Os objetos materiais, os mais diversos possíveis, apresentam-se de maneira íntima no nosso cotidiano para atender múltiplas necessidades humanas. Existe na relação indivíduo/objeto uma intimidade tão latente, que, por vezes, a constatação da presença destes bens pode passar despercebida. Em vários momentos, o uso é quase automático. Para Heskett (1998, p.10) os artefatos constituem uma paisagem cultural visual da vida cotidiana, condicionam percepções, comportamentos e apresentam funções e significados complexos. Nesta condição, por exemplo, estão os produtos têxteis, usados em vestimentas para nos proteger do frio ou por pudor, para nos distinguir socialmente ou ainda para ornamentar os ambientes naturais e construídos.

Artefatos “comuns”, “banais” e até os mais “efêmeros”, tem muito a dizer e a contribuir para campos diversos, como o da Cultura Material, Design e História. É neste sentido que Appadurai (2010, p.66) vai recorrer ao ensaio de Reddy para lembrar que a história social das coisas, mesmo das mais comuns, como os tecidos, reflete complexas transformações na organização do conhecimento e dos modos de produção. Tais alterações guardam uma dimensão cultural cuja compreensão não pode ser deduzida a partir de, ou reduzida a, mudanças na tecnologia e na economia.

Entretanto, é justamente por esta condição “banal” que os artefatos comuns do cotidiano são descartados, descaracterizados e, como no caso de interesse desta pesquisa - o produto têxtil da cidade de Camaragibe -, não são frequentemente considerados como possíveis bens, ou como materialidades que muito tem a dizer sobre as mais variadas dinâmicas sociais. Podemos dizer que esses artefatos estão no centro da existência de uma grande indústria pernambucana; entretanto, são, seguramente, o último tema lembrado/mencionado quando se fala da Companhia Industrial Pernambucana (CIPER), fundada ainda no final do século XIX no município de Camaragibe/PE.

Nesse sentido, faz-se pertinente destacar que os estudos sobre os bens banais, (sobre a materialidade efêmera, pulverizada na miríade de artefatos que povoa o cotidiano das sociedades, inclusive suas matérias primas), como os tecidos e outros itens, enfrentam um obstáculo inicial: a dificuldade do rastreio. Diferente das ruínas dos galpões industriais ainda de pé ao lado do Shopping Camará, que tomou o lugar da antiga fábrica têxtil, ou da chaminé que está no meio do estacionamento do empreendimento, os artefatos têxteis ali viabilizados em um período que compreende o final do século XIX e o início da década de 1980, que foram a razão de existência e o propósito inicial para a construção daquilo que vem a ser tornar a cidade de Camaragibe, hoje não estão mais visíveis e acessíveis.

Esses objetos poderão estar agora, ou não, em algum lugar, resistindo em suas existências quase secretas. Sob esta ótica, e considerando como essas mais humildes formas de materialidade se fazem necessárias para que remontemos o passado e assim possamos refletir mais plenamente sobre o presente, corroboramos com Forty (2007, p.16) ao afirmar que até o artefato industrial que parece mais insignificante pode revelar uma complexidade estonteante de dinâmicas sociais, econômicas, estéticas, etc.

O rastreio deste material muito tem a dizer, e contribuir, para elucidar questões em voga no campo de **uma** História Design, de **uma** cultura da materialidade, de **uma** industrialização brasileira do século XX. Aqui, o demonstrativo “uma” está em destaque para enfatizar que não existe a pretensão de se estabelecer uma homogeneidade acerca destes assuntos, ou seja, não pretendemos pasteurizar o específico como geral, como ocorre em muitos casos de pesquisas dentro de eixos dominantes e que se prostram como a realidade de todos os contextos. Aqui o eixo é Pernambuco, sua industrialização e produtos de uma empresa; trata-se, portanto, de “uma

História do Design” e não “a História do Design”.

Neste sentido, o texto aqui construído tem por objetivo introduzir os percursos preliminares de investigação/rastreamento, a partir da Hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>1</sup>, sobre a produção em larga escala de artefatos têxteis da antiga Companhia Industrial Pernambucana, a qual permaneceu relevante para o mercado até meados do ano 1980 na região metropolitana do Recife, hoje cidade de Camaragibe (PE).

O acervo mencionado disponibiliza para consulta uma vasta gama de periódicos, revistas, magazines, folhetins e jornais vinculados a vários estados brasileiros, bem como em várias décadas, iniciando em 1740 até a década de 2020. Esta pesquisa documental no acervo digital da biblioteca tem por aspecto norteador a perspectiva da coleção “Diário de Pernambuco”, jornal influente da região do estado de Pernambuco até os dias atuais, como a principal fonte de dados a serem coletados e interpretados.

A escolha da Companhia Industrial Pernambucana de Camaragibe se justifica por sua relevância no território nacional e por ser considerada um dos primeiros casos do modelo de vila operária industrial edificadas no contexto brasileiro (CORREIA, 2002). Desse modo, faz-se importante a seguinte questão: Quais vestígios podem ser observados na coleção “Diário de Pernambuco” acerca da produção, configuração e planejamento dos artefatos têxteis viabilizados pela Companhia Industrial Pernambucana (CIPER) no período de ascensão e declínio?

A partir do objetivo estabelecido para esta pesquisa, bem como a questão referida anteriormente, faz-se necessária uma contextualização teórica. Deste modo, na próxima seção, assuntos como a percepção dos artefatos serão discutidos; em seguida, já no item 3, uma contextualização do complexo fabril; seguido do item 4 com a apresentação do percurso metodológico; item 5 com os resultados alcançados até o momento; bem como as considerações e perspectivas futuras para investigação.

## 2 Uma cultura material (materializada)

Para se falar em uma história dos bens e da cultura material proveniente da produção em larga escala, é necessário se considerar a Industrialização, bem como a organização urbana moderna e globalizada, as quais se entrelaçam para que o design se estabeleça entre os séculos XIX e XX (Cardoso, 2008). A mecanização transpõe alterações na ordem de vários sentidos para as sociedades. A partir disso, podemos considerar que este processo condicionou à sociedade o poder cada vez maior de dar forma ao ambiente. Um poder criador diferente do anterior, mais rápido e padronizado. Por meio das instalações fabris, muitos artefatos foram ofertados na intenção de satisfazer necessidades e desejos. Ao passo que as mudanças advindas do “progresso industrial” não vieram associadas apenas aos meios produtivos, mas também aos anseios sociais (Heskett, 1998, P.7). Forty (2007) vai complementar:

A máquina a vapor, por exemplo, trouxe maior eficiência à indústria manufatureira e maior velocidade aos transportes, mas sua fabricação ajudou a transformar mestres artesãos em trabalhadores assalariados e fez com que as cidades aumentassem de tamanho e insalubridade. A ideia de progresso, no entanto, inclui todas as mudanças, tanto desejáveis como indesejáveis (Forty, 2007, p.19).

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico do Site da Biblioteca Nacional – Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Nesta perspectiva, o Design, estabelecido na condição de área interdisciplinar com suas múltiplas vertentes, se beneficia do entendimento sobre o que tange à indústria para montar parcelas do seu repertório histórico/teórico. Dialogar intensamente com os métodos de produção em larga escala trouxe para o Design um entendimento mais efetivo quanto aos produtos viabilizados por tal processo, bem como sobre o público a que foram destinados e os trabalhadores envolvidos.

Mesmo antes da institucionalização das primeiras escolas de Desenho Industrial no Brasil, a indústria já executava complexos produtos para nichos específicos, sob a responsabilidade de uma mão de obra que dispunha de certa competência (com formação tradicional ou não), como bem apontado nos textos de Silva e Lehmkuhl (2016) e Cardoso (2005). Para Cardoso (2008, p.19) os primeiros trabalhos que se propõem discutir a história do design imputam uma série de dogmas e cânones ao leitor: “isto é design e aquilo não”, “este é designer e aquele não”. Para além disso, como destaca Melo (2012), muitos artistas foram contratados para satisfazer a demanda por profissionais qualificados que dialogassem com a configuração estético/visual dos bens.

Neste sentido, entender a história que envolve a indústria brasileira e os profissionais que com ela contribuíram se faz importante para ampliar a compreensão do próprio Design no Brasil, seja para estabelecer aproximações, seja para destacar distanciamentos dos dogmas e cânones muitas vezes incrustados à área.

Com isso, destaca-se o entendimento do artefato como conteúdo fundamental para a discussão de uma História do Design. A esse respeito, Leitão e Pinheiro-Machado (2010) vão dividir os objetos em 3 categorias: objetos testemunha, objetos signo e objetos construtores.

O primeiro grupo, **objetos testemunha**, são entendidos como artefatos que tem a condição de dado ou documento, ou seja, fornecem informações sobre grupos/culturas de um tempo espaço remoto. As autoras tecem críticas a esta formulação, pois o conceito tende a caracterizar os objetos analisados sob uma divisão e perspectiva do “nós” e “eles”. São enquadrados como afastados dos grupos “dominantes” seja em matéria de espaço/localização ou tempo. Segundo Leitão e Pinheiro-Machado (2010) essa caracterização reforça distanciamentos e fornece subsídios para o (pré)conceito do que é ou não é “civilizado”. Em síntese, os objetos testemunha serviriam sobretudo para documentar um determinado universo social ou fato histórico, mesmo fora dos seus contextos de origem, privilegiando a visão pré-concebida de um olhar externo ao contexto objetivado (Leitão e Pinheiro-Machado, 2010).

Já a ideia de **objeto signo**, para além de atestar e verificar a presença, ou ainda, para além de ser reconhecido como um dado ou documento bruto, tem particular associação ao interesse de conhecer significados e contextos íntimos. São objetos que conseguem, ou podem, ser lidos como um texto. Servem para pensar. E nesta dinâmica, perde-se em alguma medida suas características fundamentadoras e práticas, sua materialidade. Leitão e Pinheiro-Machado (2010) condicionam a esta categoria de objeto à tentativa de se “encontrar a verdade escondida nele”, ou seja, existe uma intenção de investigação que deseja encontrar o sentido não manifesto ou camuflado, um sentido implícito a ser decodificado através de um artefato. Nesse aspecto, as autoras vão perceber e discutir a criação de uma oposição e uma separação entre material e imaterial, sendo a materialidade vista, nessa posição, como algo ilusório e que pode distrair o pesquisador do real sentido do artefato (Leitão e Pinheiro-Machado, 2010).

E nesse sentido, ainda conforme Leitão e Pinheiro-Machado (2010), a terceira categoria seria a dos **objetos construtores**. Os bens seriam entendidos como tendo a condição de serem produtores de pessoas, assim como as pessoas são produtoras de objetos. Participam do mundo de

maneira ativa. São construtores de dinâmicas e relações sociais, tendo, além da capacidade de suscitar memórias, a prerrogativa de criá-las e transformá-las. Seriam, nesta perspectiva, objetos memória, com a capacidade de ter significados variáveis, flexíveis, bem como o poder de inserir-se e mudar o mundo social, tendo assim uma vida social, participando de relações dentro de contexto de desejo e demanda, possuindo trajetórias e percursos que deveriam ser conhecidos. Sobre essa trajetória as autoras comentam a partir de Bonnot (2002):

Bonnot (2002) documenta, por exemplo, o itinerário biográfico de uma garrafa de cidra, analisando a participação desse objeto, aparentemente banal e cotidiano, na construção do patrimônio coletivo. Uma antiga garrafa vazia de cidra, objeto anônimo escolhido para ser representativo da memória de um grupo, passou, antes disso, por diversos momentos e significados ao longo de sua trajetória no mundo: em um primeiro momento, ainda cheia, em uso, ocupa o espaço do objeto funcional para, a seguir, tomar o rumo do descarte, transformando-se em lixo. Ela retorna, décadas depois, como patrimônio, e é escolhida como patrimônio por materializar em si a marca da passagem do tempo (Leitão e Pinheiro-Machado, 2010, p.244).

A partir disso, percebendo que os objetos têm um potencial para serem estruturas de memórias e identidades que nos facultam entender como nós interagimos com eles e como eles nos afetam. Para tanto, é necessário concebê-los para além de dados brutos/documento/testemunhas ou signos; faz-se necessário entendê-los como construtores e entender essas trajetórias de construção das pessoas e de sentidos. Sob essa ótica, consideramos que os tecidos viabilizados pela CIPER apresentam valor e caráter de **objeto construtor/objeto memória**, devendo ser (re)conhecidos e terem sua história contada e trajetória documentada. O artefato fabricado torna-se parte da realidade física do seu contexto, seja social, político, temporal ou econômico (Heskett, 2007, p.9).

Alinhado a essa perspectiva, também podemos acrescentar a opinião de Cardoso (2008), o qual, faz uso de um termo muito interessante: “memorabilia”, conceito através do qual o autor discute como as pessoas recorrem aos artefatos como suportes da memória. Entendemos que estes são muito mais que repositórios e “documentos” dos quais se manifesta a história, são também agentes que mudam e constroem percepções sociais, de classe e contexto (Cardoso, 2012, p.40).

As formas e os significados atribuídos aos objetos não são estáticos, qualidades e sentidos atribuídos podem não derivar do material empregado do processo construtivos associados e sim de repertório cultural e pressuposto individual. Desse modo, existem desvios de funções a que os objetos podem estar acometidos (Cardoso, 2012, p.15). Inicialmente projetado para uma finalidade, um artefato pode posteriormente ser entendido como um expoente de memórias e significados que pouco se traduziriam, quando não oralizado pelos indivíduos ou observado a partir de coleções/documentos. Desse mesmo modo, podemos recorrer aos tecidos, e ao que foi documentado sobre o processo produtivo de Camaragibe, para a construção de um particular contexto da História e para a teoria do design.

Miller (2013) considera que os objetos não se fazem importantes apenas pela distinção e peculiaridade, mas também pela ordinariedade e banalidade. As mercadorias, e em síntese todos os objetos culturais e materialidades, por outro lado, podem ser tomadas, a partir de Douglas e Isherwood (2006), como elementos de uma linguagem não verbal que materializam/estruturam uma das condições essencialmente ligadas à humanidade: a criação. Os artefatos, deste modo, são uma parte observável e visível da cultura, de arranjos variados e de hierarquias. As mercadorias, os produtos, os objetos, até os mais efêmeros, são meios para se pensar a sociedade.

### 3 Um preâmbulo sobre Companhia Industrial Pernambucana (CIPER)

Segundo dados fornecidos pelo censo do IBGE de 2022, no município de Camaragibe, situado na região metropolitana do Recife, residem pouco mais de 147.000 habitantes. O distrito industrial de Camaragibe, como ficou conhecido quando a cidade ainda não era emancipada, começa, segundo Santos (2017) a ser construído em 1891. Trata-se de um dos primeiros casos do modelo de indústria atrelada à vila operária/cidade-fábrica estabelecidos no Brasil no final do século XIX. Ou seja, surge da instalação fabril, que passa a assumir a configuração de uma cidade/comunidade.

Para Correia (2002), os casos de vilas operárias e assentamento industriais remontam o século XVII na Europa e, a partir de 1880, se instauram no território nacional brasileiro. Existe neste modelo uma ingerência do alto escalão dirigente dos empreendimentos sobre o cotidiano do funcionário, que devem estar alinhados a valores morais. Esse sistema foi entendido como um modelo, e base, para a formação de operários mais saudáveis e ordeiros, com muitas obrigações e até algumas limitações.

Portanto, existe uma lógica do “Bom operário” / “operário ordeiro” nesse modelo de trabalho/residência, como comenta Santos (2017) e Correia (2002), no qual, subsidiar equipamentos urbanos como igrejas, clubes, escolas para os filhos dos operários, mercados, redes de assistência médica e até mesmo diversão, vão se fazer presentes para instaurar uma boa convivência. Uma tentativa de ter o operário/funcionário mais próximo do “ideal” e menos distante do trabalho.

Carlos Alberto de Menezes e Pierre Collier são os responsáveis, citados por Santos (2017), para a construção do polo industrial nomeado Companhia Industrial Pernambucana, ou CIPER. Segundo Lemos (2012) a fábrica ocupou uma área de 10.000 metros quadrados e chegou a ter algo em torno de 428 máquinas específicas para tear. A Figura 1 apresentada no livro de Lemos (2012) é referenciada como uma imagem da época de início das atividades da CIPER, mas não foram apresentadas datas.

Figura 1 - Antigas instalações da Companhia Industrial Pernambucana (CIPER).



Fonte: Lemos (2012).

Como atesta Santos (2017), os trabalhos que versam sobre os casos de vilas operárias associadas às indústrias brasileiras são escassos. Quando consideramos o recorte aqui estabelecido, o caso da indústria de Camaragibe, e o interesse pela cultura material, os estudos e pesquisas

parecem ainda menos evidentes.

Segundo Silva (2022) para a construção de edificações referentes aos equipamentos urbanos da fábrica e da vila de operários, primeiro foi construído uma olaria que ficaria responsável pela produção dos tijolos. Atualmente alguns espaços das antigas construções foram preservados, como a antiga chaminé que está presente no meio do shopping da cidade. A Figura 2 produzida por Silva (2022) apresenta um dos tijolos da época, construídos para a edificação da companhia.

Figura 2 - Tijolo com as iniciais da Companhia Industrial Pernambucana “CIP”.



Fonte: Silva (2022).

É pertinente destacar, como será observado na próxima seção, percurso metodológico, que uma das *strings* de busca estabelecidas para a pesquisa no repositório digital do acervo da Biblioteca Nacional na coleção “Diário de Pernambuco” foi a sigla “CIP”, tendo em vista que são as iniciais diretas do nome da indústria e que estão presentes no registro fotográfico vinculado à pesquisa de Silva (2022).

Hoje o que resta da materialidade viabilizada pela CIPER pode ser observado em primeiro plano pelas ruínas do ambiente industrial construído, ou melhor, o que resistiu à construção do shopping câmara. No espaço que preservou a antiga chaminé da Cia são encontrados vestígios desse passado recente que impactou nas dinâmicas sociais e materiais da cidade.

Os moradores da Vila da Fábrica, um dos primeiros bairros construídos para subsidiar a fábrica, comentam que o shopping ainda tenta preservar traços do passado. A antiga sirene que chamava os funcionários para os postos de trabalho hoje anuncia o início do funcionamento do shopping. Outro elemento que resta para aguçar a curiosidade de quem se interessa pelo assunto é uma antiga máquina que produzia fios da indústria, e hoje está sob tutela da secretaria de cultura da cidade e pode ser observada na biblioteca municipal da cidade, situada no bairro da Vila da Fábrica. A Figura 3 apresenta em detalhe a antiga máquina.

Figura 3 - Registro de um antigo maquinário da CIPER/CIP.



Fonte: Os autores (2024).

A partir da presente contextualização, fica percebida a pertinência do assunto para vários campos, como já citado anteriormente. Desse modo, a seção seguinte visa elencar os procedimentos metodológicos realizados para reunir os documentos que apresentam informação sobre o produto e o contexto de produção dos bens materiais ali viabilizados.

#### 4 Percurso Metodológico

Quando Pomian (1984) afirma que até o objeto mais banal pode se fazer presente em uma coleção, mais uma vez reforça-se a importância de discussão e observação dos produtos vinculados à CIPER. Para efeito de classificação, a pesquisa aqui estabelecida se caracteriza como documental e de natureza qualitativa. O material empírico foi conseguido através da busca por fontes primárias em documentos disponibilizados pela coleção “Diário de Pernambuco” associada à hemeroteca da Biblioteca Nacional, na intenção de estabelecer um primeiro rastreio de informações sobre estes bens de consumo e ensejar direcionamentos para investigações posteriores em novos acervos e coleções. Na citação que se segue, temos o conceito de coleção em Pomian (1984, p.53):

Uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (Pomian, 1984, p.53).



A coleção “Diário de Pernambuco” admite tal definição por conter um conjunto de itens digitalizados referente às várias edições do jornal ao longo de décadas/anos. Estes documentos estão salvaguardados em um repositório digital de livre acesso e exposto à consulta do público em geral. Pomian (1984, p.67) completa:

Todas as coleções estudadas cumprem uma mesma função, a de permitir aos objectos que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre os espectadores, quaisquer que eles sejam, e os habitantes de um mundo ao qual aqueles são exteriores (Pomian, 1984, p.67).

A partir desta observação consideramos a coleção referente ao Diário de Pernambuco o meio no qual será possível contextualizar territorialmente e no tempo a produção dos bens vinculados à CIPER. O processo de documentação, reunião de fontes de informação (Shera, 1961), passou por procedimentos metodológicos específicos como a definição de palavras-chave e um recorte temporal, dado o volume quantitativo de material apresentado no repositório ao longo dos anos/décadas do jornal.

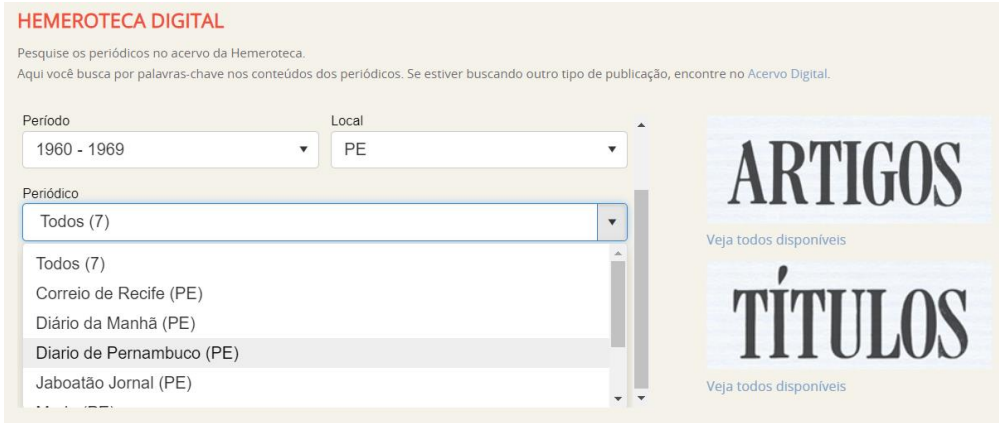
Neste sentido, a década de 1960 foi estabelecida como o marco temporal inicial tendo em vista a sua importância para o design no Brasil e o contínuo processo de industrialização brasileira. Segundo Melo (2012), alguns sinais dessa tentativa de estreitamento de relação entre o país e o Design podem ser observados na década, como por exemplo a institucionalização das primeiras escolas superiores de Desenho Industrial e Programação Visual. A se citar: Em 1962, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) incorpora à formação do arquiteto o Desenho Industrial e a Programação Visual; Quase simultaneamente, em 1963, no Rio de Janeiro, é criada a Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi). Ainda em 1963, professores das duas escolas, juntamente com outros profissionais que partilhavam das mesmas ideias, criam a Associação Brasileira de Desenho Industrial (ABDI). Este período também é referido como a década de inauguração de Brasília, e o sentimento desenvolvimentista está em pleno vapor, a indústria brasileira cresce a um ritmo acelerado (Melo, 2012).

Para além disso, também foram considerados os anos 1970, pela continuidade de investimentos brasileiros no processo de ampliação industrial, bem como a década de 1980 por ser considerado o período de declínio e de decadência de várias indústrias, como é o caso da indústria têxtil no Nordeste.

As palavras-chave estabelecidas inicialmente giram em torno do nome da empresa “Companhia Industrial Pernambucana” e de algumas variações como por exemplo: CIPER (sigla); CIP (presente no tijolo fotografado por Silva (2022)); Grupo CIPER; Grupo CIP; Cia Industrial Pernambucana; Companhia Industrial de Pernambuco; bem como palavras que fazem alusão a indústria como “Fábrica de Camaragibe”.

A Figura 4 apresenta uma captura de tela do ambiente de pesquisa associado ao repositório da Biblioteca Nacional. É possível observar a possibilidade de pesquisa por períodos, onde se estabelecem as décadas de interesse, bem como o local, aqui associado ao estado de Pernambuco tendo em vista que a atuação desta indústria esteve atrelada ao estado; e ainda é possível definir a coleção específica para se fazer a busca, aqui definida a coleção “Diário de Pernambuco” por sua relevância e perenidade ao longo dos anos.

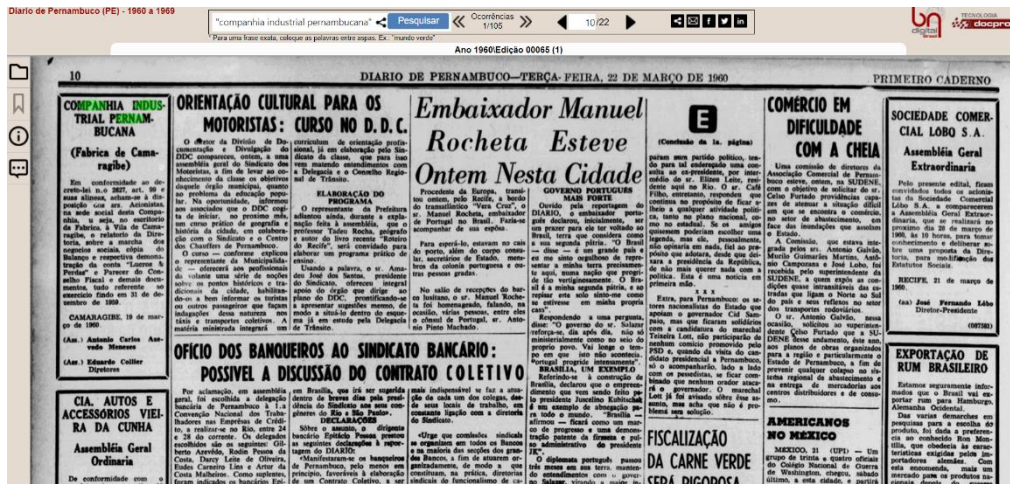
Figura 4 - Recorte de décadas, estado da federação e coleção.



Fonte Acervo Biblioteca Nacional (2024).

A Figura 5 apresenta uma captura de tela do ambiente de pesquisa logo após ser inserida a palavra chave. É importante destacar que o acervo não admite a combinação de palavras-chave por intermédio de operadores Booleanos como “and(e)” ou “or(ou)”, como ocorre em outros repositórios. É possível fazer buscas por strings individuais ou por conjunto de palavras ao estabelecer aspas entre os termos referidos.

Figura 5 - Ambiente de pesquisa, com Palavras-Chaves composta entre aspas.



Fonte Acervo Biblioteca Nacional (2024).

A título de curiosidade as Figuras 6 e 7 apresentam o sistema de organização do acervo/coleção. Ao pesquisar por um termo, por exemplo, serão apresentadas as ocorrências, que estão agrupadas por anos, como é possível identificar na Figura 6, bem como estabelecidas nas edições individuais do jornal como pode ser contratado na figura 7.

Figura 6 - Divisão por ano.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional (2024).

Figura 7 - Divisão por edição dentro das pastas dos anos.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional (2024).

Uma observação importante a se destacar é que todas as figuras referentes a conteúdos extraídos da coleção, aqui apresentadas, possuem uma nota de rodapé onde constam os links de acesso para que os leitores consigam ver as páginas do jornal por inteiro. A seção seguinte visa apresentar os resultados preliminares da tentativa de rastreamento do produto industrial da CIPER e do seu contexto de produção. As buscas foram realizadas a partir da coleção elencada e das palavras-chave atribuídas ao assunto.

## 5 Resultados e Discussão

Para fim de organização foram construídos três quadros que evidenciam dados quantitativos importantes. Os quadros são divididos nas três décadas elencadas para a pesquisa: 1960, 1970, e 1980. Também constam neste sistema gráfico as palavras-chave utilizadas e quantidade de ocorrências, esta última referente a quantidade de vezes que as palavras utilizadas como descritor aparecem no marco temporal e na coleção estabelecida, informações sistematizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Década de 1960 no Diário de Pernambuco

Palavra-Chave	Ocorrências
CIPER	16
Grupo CIPER	0
Grupo CIP	2
Cia Industrial Pernambucana	39
Companhia Industrial de Pernambuco	2
Companhia Industrial Pernambucana	105
Fábrica de Camaragibe	48

Fonte: Os autores (2024)

Ao pesquisar pela sigla “CIPER”, dentre as 16 ocorrências identificadas, encontramos resultados que se referem a outros grupos e empresas, como por exemplo a “Companhia Pernambucana de Pesca” e o “Clube de Industriário”, organizações às quais, neste momento, não identificamos relação com a Companhia Industrial Pernambucana, foco desta pesquisa. O termo “Grupo CIPER” não apresentou ocorrências. Com a palavra “Cia Industrial Pernambucana”, os resultados giram em torno de relatórios, assembleias e atas divulgadas. Já o termo “Companhia Industrial de Pernambuco” traz conteúdos relativos a uma espécie de reunião sindical dos trabalhadores da fiação e tecelagem para aumento de salário. No geral, observa-se muitos informes, prestação de contas para acionistas, divulgação de perdas e ganhos, bem como convocação para assembleias. Também são observadas notas de pesar e convites para missas em homenagem a funcionários falecidos e/ou de pessoas ligadas à fábrica.

Um fato interessante é o anúncio de que a Empetur, empresa estadual de turismo da época, deseja trazer a Bienal de Desenho Industrial ao Recife, como pode ser observado na Figura 8. Na mesma página é possível observar um anúncio de edital destinado aos acionistas da CIPER. Nesse sentido, a partir da proximidade física das matérias dispostas no corpo do jornal, nos perguntamos se existiria uma relação do campo do design e do desenho industrial sendo estabelecido para com a empresa pesquisada.

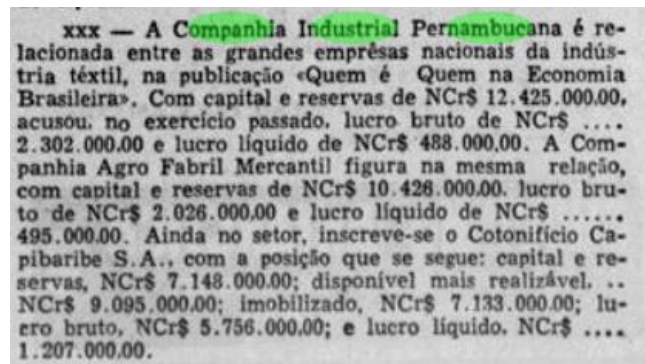
Figura 8 - Edição 00283 de 1968



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco” (2024)<sup>2</sup>.

Outro resultado que chama a atenção é a ocorrência na edição 00261 no ano de 1969 em que se destaca a relevância da indústria de Camaragibe para o cenário nacional do mercado têxtil, como pode ser observado no trecho destacado da página do jornal na (Figura 09). Para além disso, percebemos a ocorrência de outro termo que pode vir a ser importante: a “Agro Fabril Mercantil”, empresa que vai ser aglutinada ao grupo CIPER e que funciona no estado de Alagoas na cidade de Delmiro Gouveia.

Figura 9 - Edição 00261 do ano de 1969



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco” (2024)<sup>3</sup>.

O Quadro 2 apresenta os dados quantitativos encontrados relacionados às mesmas palavras-chave vinculadas à década de 1960, mas agora em 1970.

<sup>2</sup> Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco”, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_14&Pesq=%22companhia%20industrial%20pernambucana%22&pagfis=75513](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22companhia%20industrial%20pernambucana%22&pagfis=75513).

<sup>3</sup> Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco”, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_14&Pesq=%22companhia%20industrial%20pernambucana%22&pagfis=65466](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22companhia%20industrial%20pernambucana%22&pagfis=65466).

Quadro 2 – Década de 1970 no Diário de Pernambuco

Palavra-Chave	Ocorrências
CIPER	220
Grupo CIPER	4
Grupo CIP	3
Cia Industrial Pernambucana	62
Companhia Industrial de Pernambuco	8
Companhia Industrial Pernambucana	167
Fábrica de Camaragibe	50

Fonte: Os autores (2024)

Como resultados relevantes podem ser destacados alguns acordos importantes para a área do planejamento de produtos, como quando em 1977 a empresa “Agro Fabril Mercantil”, pertencente ao grupo CIPER estabelece parceria com a estilista francesa Claudette Yannou, o destaque da sua atuação na empresa do grupo é a configuração e projeto de padronagens para produtos de cama, mesa e banho. A Figura 10 apresenta o encontro da estilista no Recife com a equipe de Marketing da CIPER.

Figura 10 - Edição 00261 do ano de 1969



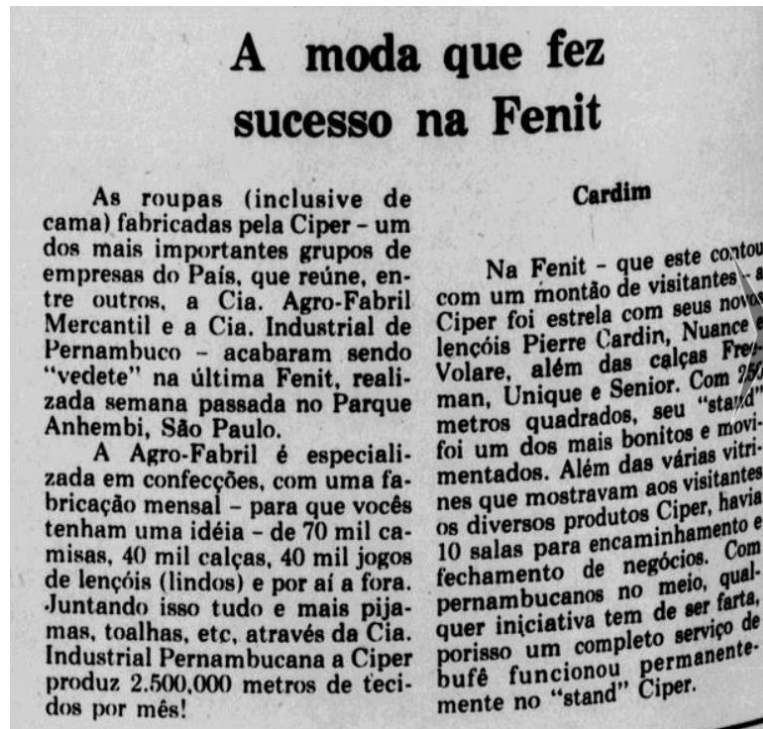
Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco” (2024)<sup>4</sup>.

Ao longo da década de 1970 vamos perceber essa íntima relação da empresa CIPER com profissionais de renome do mercado das artes e do estilismo para a promoção dos seus produtos.

<sup>4</sup>Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco”, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_15&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=9879](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=9879)

Um caso relevante a ser citado é a parceria estabelecida com o Designer de moda e estilista Pierre Cardin, este estabelece uma íntima relação com o Brasil a partir da segunda metade do século XX e as empresas do grupo CIPER não ficam de fora. Ao citar “A moda que fez sucesso da FENIT”, o texto faz referência a maior feira de indústrias do ramo têxtil da época, e considera que os produtos viabilizados pelo grupo Ciper foram um grande sucesso. Destaca-se essa inserção do produto da indústria pernambucana no grande eixo comercial do país. A figura 11 apresenta o texto que menciona a parceria entre Cadin e a CIPER, bem como alta demanda estabelecida para os seus produtos.

Figura 11 - Ano 1977\Edição 00163

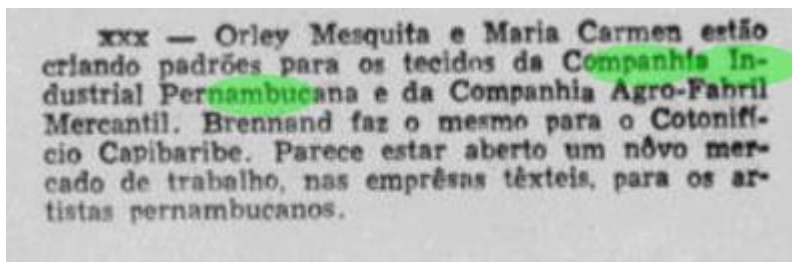


Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco” (2024)<sup>5</sup>

As informações encontradas também permitem ter notícia de acordos de trabalho com artistas pernambucanos, que se firmam antes das parcerias internacionais, como é o caso estabelecido entre a CIPER e o casal Maria Carmen e Orley de Mesquita. Os dois artistas têm neste período um reconhecimento na cena artística de Pernambuco e começam a galgar relevância nacional nos anos decorrentes da década de 1970. O jornal, portanto, destaca esse novo mercado de atuação para os artistas pernambucanos - o planejamento do projeto gráfico nas indústrias têxteis do estado -, e destaca também a participação do artista Francisco Brennand em outro cotonifício da região (Figura 12).

<sup>5</sup>Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco”, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_15&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=102075](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=102075).

Figura 12 - Ano 1970\Edição 00235 (1).



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco” (2024)<sup>6</sup>

Nesta década se destaca ainda a relevância internacional dos produtos da empresa, a partir do comentário sobre a qualidade da matéria prima utilizada nos produtos finais e a demanda que surge pelo tecido de Camaragibe para a Europa. Isso vai contrastar com a decadência e declínio de várias empresas do ramo têxtil no Nordeste, incluindo o grupo CIPER, que ocorreu na década de 1980. O Quadro 3 apresenta os dados quantitativos encontrados para as palavras-chave.

Quadro 3 – Década de 1980 no Diário de Pernambuco

Palavra-Chave	Ocorrências
CIPER	163
Grupo CIPER	25
Grupo CIP	0
Cia Industrial Pernambucana	54
Companhia Industrial de Pernambuco	10
Companhia Industrial Pernambucana	48
Fábrica de Camaragibe	22

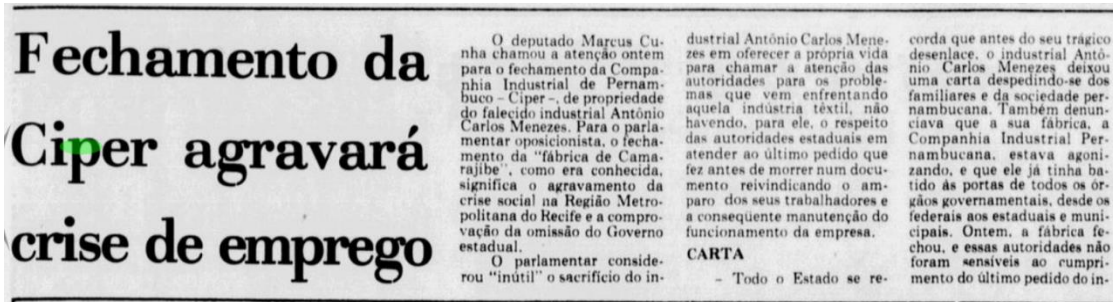
Fonte: Os autores (2024)

A década ficou marcada essencialmente pelos anos de crise, fechamento e demissão em massa. Tudo isso nos primeiros anos, como pode ser observado na Figura 13.

<sup>6</sup>Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção “Diário de Pernambuco”, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_15&Pesq=%22Companhia%20Industrial%20Pernambucana%22&pagfis=8404](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=%22Companhia%20Industrial%20Pernambucana%22&pagfis=8404).



Figura 13 - Ano 1984\Edição 00014 (1)



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, Coleção "Diário de Pernambuco" (2024)<sup>7</sup>

A partir do que foi exposto nos resultados da busca realizada no acervo da biblioteca nacional relativo à coleção "Diário de Pernambuco", fica perceptível a importância da Companhia Industrial Pernambucana para uma história da industrialização brasileira e de maneira geral fica destacado também sua importância para uma história do design. Os anúncios dão prova de que a companhia buscou a colaboração de artistas, designers e estilistas para o planejamento de produtos que foram fabricados no nordeste brasileiro e alçaram demanda excepcional no eixo do sudeste na maior feira da indústria têxtil da época e o destaque para a exportação para Europa.

É interessante atentar para como esse caso ilustra algumas prerrogativas associadas à história da área no Brasil. Em primeiro lugar, observa-se a busca dos industriais por artistas para realizarem trabalhos relativos ao Design, tendo em vista que no país a mão de obra qualificada para o planejamento dos produtos não era abundante, como foi destacado por Melo (2012) ao mencionar as primeiras escolas de desenho industrial e de programação visual que irão ser fundadas por volta de 1960. Em Pernambuco, por exemplo, apenas na década de 1970 foi criado o curso superior em desenho industrial da Universidade Federal de Pernambuco, curso bastante tradicional na região.

## 6 Considerações finais

Os resultados alcançados com essa pesquisa preliminar em fase inicial atestam a condição que o assunto tem para ser ampliado para fases *in loco* com possíveis profissionais que estiveram atrelados a essa produção e, em decorrência destes encontros, a identificação e rastreamento dos tecidos remanescentes deste momento industrial. Destacamos a necessidade de enfatizar uma pesquisa mais detalhada sobre a obra e vida dos profissionais aqui identificados, como Maria Carmen, Pierre Cardin, Claudette Yannou, bem como Orley de Mesquita. A indicação é continuar a pesquisar no jornal do Diário de Pernambuco com os nomes específicos dos profissionais e ampliar a pesquisa para outras fontes como a revista O Cruzeiro, também disponível no mesmo acervo digital. É assim que iremos conseguir rastrear esses **objetos memória/construtores**, os quais foram produzidos por pessoas (designers, estilistas, operários), e produziram também essas pessoas, no contexto de uma cidade-fábrica. Tratam-se de produtos e artefatos com os quais um grupo de pessoas tiveram intimidade e foram afetadas por estes em suas subjetividades.

Outras possibilidades de busca se referem a consultas em novos repositórios e acervos, tanto digitais quanto físicos, como no caso da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Arquivo Estadual João Emerenciano (APEJE) e até lojas centenárias de tecidos da região metropolitana do Recife, como as

<sup>7</sup>Acervo da Biblioteca Nacional, Coleção "Diário de Pernambuco", 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&Pesq=CIPER&pagfis=70985](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pesq=CIPER&pagfis=70985)

Casas José Araújo, que estão abertas e funcionando até os dias atuais e podem contribuir com indicações e até mesmo com amostras têxteis preservadas em catálogos e cartelas de venda.

Como direcionamento para o futuro, podem ser incluídas também novas palavras-chave como “Agro Fabril Industrial”, empresa que foi anexada ao grupo CIPER, ou ainda, poderíamos proceder a uma pesquisa mais incisiva sobre o industrial “Carlos Alberto de Menezes”. De todo modo, o assunto merece mais atenção e maiores delineamentos e esperamos que estes tecidos e produtos sejam localizados.

## 7 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Também são necessários agradecimentos aos professores Dr. Igor Soares Amorim e Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira pela condução da disciplina “Documentos, coleções e patrimônio” do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, na qual foram elucidadas questões em volta da pesquisa documental.

## 8 Referências

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

BN. Biblioteca Nacional Digital Brasil. **Acervo Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01/07/2024. A

BN. Biblioteca Nacional Digital Brasil. **Coleção “Diário de Pernambuco”**. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_14&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=1650](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=1650) . Acesso em: 01/07/2024. B

CARDOSO, Rafael. **O Design Brasileiro antes do Design**: aspectos da História Gráfica – 1870 – 1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2012.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 3. ed .São Paulo: Edgar Blücher, 2008.

MELLO, Chico Homem. **Linha do Tempo do Design Gráfico**. Editora Cosac Naify, 2012.

CORREIA, Telma de Barros. A indústria e o habitat: operários no Brasil. in **Rio Tinto**: Estrutura Urbana, Trabalho e Cotidiano. Organização Amélia Panet. Unipê Editora: João Pessoa, 2002.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**: para uma antropologia do consumo. 1. ed. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HESKETT, John. **Desenho Industrial**. Tradução: Fábio Fernandes. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**: Camaragibe. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/camaragibe.html>. Acesso em:

25/06/2024.

LEITÃO, Débora Krischke; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material.** Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 15, n. 2, p. 231-247, 2010.

LEMONS, João Ribeiro de. **Camaragibe: suas raízes e sua história** Organização J. A. Santos; Fotografia: João Carlos Lacerda, CCS Gráfica e Editora: Camaragibe, 2012.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material.** Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA** Einaudi. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

SANTOS, Marcos Alesandro Neves dos. **Vilas operárias: centros de ordem e exclusão na vila operária de Camaragibe - PE (1900-1929).** Dissertação de Mestrado (116 f). Programa de Pós Graduação em História. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SHERA, J.; EGAN, M. Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p.

SILVA, Ana Claudia da. **O processo de reprodução do espaço e a mercantilização do lugar: um olhar sobre a vila da fábrica, Camaragibe/PE.** Dissertação de Mestrado (149 f). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

SILVA, Jeferson Luiz Braz da; LEHMKUHL, Luciene. A cidade-fábrica de Rio Tinto na pesquisa em Design. In: **ANAIS DO 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN** [= BLUCHER DESIGN PROCEEDINGS, V. 9, N. 2], 2016, São Paulo. Anais... São Paulo: Blucher, 2016. p. 437-448.